

Da consolidação institucional à ciência aberta: a revista *Educação e Pesquisa* em perspectiva histórica

Roni Cleber Dias de Menezes¹

Orcid: 0000-0001-8661-1328

Resumo

A entrevista com os ex-editores-chefes Êmerson de Pietri, Cláudia Valentina Assumpção Galian e Cássia Geciauskas Sofiato, conduzida por Roni Cleber Dias de Menezes, integra as ações comemorativas pelos 50 anos da revista *Educação e Pesquisa*, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. O diálogo reconstrói a história recente do periódico, evidenciando a consolidação de sua estrutura institucional, o fortalecimento de sua comissão editorial e a ampliação de sua inserção no cenário científico nacional e internacional. As falas revelam as tensões próprias do trabalho editorial, especialmente diante das exigências impostas pelos sistemas de indexação e pelas novas diretrizes da ciência aberta, que introduzem práticas de transparência, disponibilização de dados e redefinição dos processos de avaliação. A experiência dos entrevistados evidencia o caráter formativo do trabalho editorial, compreendido como espaço de aprendizado coletivo, de debate ético e de defesa da autonomia intelectual. Também são abordados os impactos da internacionalização, das transformações tecnológicas e da incorporação da inteligência artificial sobre a comunicação científica e os critérios de autoria e originalidade. Ao reafirmarem a importância da integridade acadêmica, do trabalho colaborativo e da manutenção de um espaço crítico e plural, os ex-editores delineiam a contribuição de *Educação e Pesquisa* para a consolidação de uma cultura editorial comprometida com o caráter público e democrático da ciência.

Palavras-chave

Educação e Pesquisa – SciELO – Ciência aberta – Ética editorial – Política de publicações.

¹- Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. Contato: roni@usp.br



<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202551002007>
This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY 4.0.

From institutional consolidation to open science: the Educação e Pesquisa journal in historical perspective

Abstract

The interview with former editors-in-chief Êmerson de Pietri, Cláudia Valentina Assumpção Galian, and Cássia Geciauskas Sofiato, conducted by Roni Cleber Dias de Menezes, is part of the fiftieth-anniversary celebrations of Educação e Pesquisa, the journal of the School of Education at the University of São Paulo. The dialogue reconstructs the recent history of the periodical, highlighting the consolidation of its institutional structure, the strengthening of its editorial board, and the expansion of its presence in both national and international scientific contexts. The interviewees' reflections reveal the inherent tensions of editorial work, particularly in view of the demands imposed by indexing systems and the new guidelines of open science, which introduce practices of transparency, data sharing, and the redefinition of evaluation processes. Their experiences underscore the formative dimension of editorial work, understood as a space for collective learning, ethical debate, and the defense of intellectual autonomy. The conversation also addresses the impacts of internationalization, technological transformations, and the incorporation of artificial intelligence on scientific communication and the criteria of authorship and originality. By reaffirming the importance of academic integrity, collaborative work, and the preservation of a critical and plural space, the former editors outline the contribution of Educação e Pesquisa to consolidating an editorial culture committed to the public and democratic nature of science.

Keywords

Educação e Pesquisa – SciELO – Open science – Editorial ethics – Publication policy.

Foto: Profa. Cássia Sofiato.



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Apresentação

A entrevista a seguir faz parte das ações comemorativas pelos 50 anos da revista *Educação e Pesquisa*, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Conduzida por Roni Cleber Dias de Menezes, professor da FEUSP e editor-assistente do periódico, ela reúne três ex-editores-chefes – Cássia Geciauskas Sofiato, Cláudia Valentina Assumpção Galian e Êmerson de Pietri – que compartilharam períodos distintos, mas complementares, na condução editorial do periódico. O diálogo permite reconstruir parte importante da

Foto: Profa. Cláudia V. Galián



Fonte: Arquivo pessoal da entrevistada.

Foto: Prof. Êmerson de Pietri



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado.

história recente da revista, marcada pela consolidação de sua estrutura institucional e pela intensificação de seu diálogo com o sistema nacional e internacional de publicações científicas.

Nas falas dos entrevistados, emergem temas centrais para a história da *Educação e Pesquisa*: os desafios de financiamento e de gestão, a ampliação do corpo editorial, a interlocução com o *SciELO* e as tensões provocadas pelas novas exigências da ciência aberta. Ao narrar suas experiências, os três não deixam de ressaltar o valor do trabalho coletivo, o compromisso com a ética editorial e a defesa de princípios que garantiram à revista, ao longo de décadas, a posição de referência no campo educacional que ocupa hoje. Destacam, também, a importância de manter espaços de debate diante das transformações políticas e tecnológicas que incidem sobre a comunicação científica.

A entrevista deixa claro o importante papel formativo do trabalho editorial. De fato, ao refletirem sobre o aprendizado acumulado na gestão da revista, os ex-editores destacam como esse trabalho ampliou suas visões de campo e reforçou a consciência sobre o lugar público da ciência. Nesse sentido, assume grande importância o equilíbrio sempre buscado entre a preservação de uma tradição – ou seja, o rigor na avaliação, a diversidade temática, a independência intelectual – e a necessidade de atualização constante, tendo em vista as mudanças nos critérios de indexação e de avaliação da produção científica.

Entrevista

Roni Cleber Dias de Menezes: Em nome dos editores-chefes da revista *Educação e Pesquisa* e de toda a comissão editorial, agradeço a presença de vocês, por terem anuído ao convite para esta entrevista, a qual integra as celebrações pelo 50º aniversário da revista. As perguntas vão girar em torno do roteiro que lhes enviei e vocês poderão se alternar nas respostas. Começo com a pergunta mais óbvia possível. Como cada um de vocês avalia o período em que atuaram como editores-chefes da revista?

Cláudia Valentina Assumpção Galian: Falo como alguém que compartilhou com o Émerson primeiro e depois com a Cássia a chefia da editoria. Foram dois períodos, e períodos com desafios, em alguns sentidos, bastante semelhantes: sempre o desafio do financiamento, dos custos de uma revista como a nossa, da procura muito elevada pelos autores para publicar. Então, uma demanda de avaliações que é gigantesca. Imagino que se mantenha desse jeito, por ser a revista que é, a qualidade que tem, por toda a sua história. Para nós sempre foi – e digo aqui em nome do Émerson e da Cássia, que podem me corrigir se eu estiver errada – um grande desafio, para além do financiamento, a obtenção de bons pareceres. E de respostas dos pareceristas, também, porque nem sempre temos resposta, o que prolonga o tempo do processo, o qual, por sua vez, é um critério de avaliação da revista. Associando isso ao que eu disse inicialmente, que é a procura por publicar na revista, reside aí também uma dificuldade, porque a equipe de editores-assistentes tem dificuldades de conciliar a quantidade enorme de tarefas que tem na sua vida como docentes e pesquisadores e mais as demandas da revista. Muitas vezes acontecem atrasos na fase de avaliação inicial do artigo, e isso complica a vida dos autores, complica a avaliação da revista e, claro, o trabalho dos editores-chefes, que têm que estar sempre controlando isso para evitar os atrasos maiores. É uma demanda de trabalho muito grande, um trabalho que depende de muitas mãos, de pessoas sobrecarregadas em todas as esferas das suas vidas profissionais. A despeito desses desafios, quero também dizer que avalio como um período de muito aprendizado a possibilidade de estar à frente de uma comissão e à frente de uma revista tão gabaritada, tão conhecida, o que causou também uma ansiedade muito grande para não errar, para não deixar cair a peteca de uma revista tão bem avaliada sempre, em todos os sentidos.

Émerson de Pietri: Eu era parceiro da Rosângela Prieto². E me lembro desses desafios que a Cláudia mencionou, relacionados ao financiamento da revista, no período com a Rosângela, e depois também quando eu e a Cláudia estávamos juntos. Houve uma grande crise do financiamento das revistas, de maneira geral, e precisamos recorrer muitas vezes à Faculdade para pedir apoio a outras instâncias. Sempre fomos muito bem

2- Rosângela Gavioli Prieto é professora do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação (EDA) da FEUSP. Ocupou a editoria-chefe da revista *Educação e Pesquisa* de 2016 a 2018.

acolhidos, tivemos bastante respaldo, fator importante para a revista poder continuar. E seja em períodos de crise de financiamento ou não, destaca-se a necessidade de responder a instâncias externas, como o CNPq e a *SciELO*, por exemplo. Então, foi possível notar uma tensão entre a política editorial da revista, o que ela é para os editores, o que as editoras queriam que a revista fosse, e o quanto, muitas vezes, esses desejos conflitavam com as demandas que vinham da *SciELO*, que buscava estabelecer quais gêneros de textos poderiam ser publicados e quais não, a necessidade de se ter um certo percentual de textos publicados em inglês, o que, enfim, é uma demanda que vem de outros lugares, por conta da internacionalização. No caso dos textos oriundos de entrevistas, também. Eu me lembro que, numa oportunidade, a *SciELO* afirmou que não publicaria mais nossa revista. E isso gerou bastante problema, porque tínhamos entrevistas para serem publicadas, compromisso já firmado com autores e autoras. Mas também há boas lembranças, de amparo institucional. Quando precisamos recorrer a outras instâncias da FEUSP, sempre houve interlocução. O que mais me marcou foi a tensão com a *SciELO*. Mas reitero o que a Cláudia disse em relação à importância de participar de um trabalho como o da revista. Para mim, foi igual. Passei a ter uma visão do campo da educação muito mais ampliada do que antes, porque a gente acaba participando do processo editorial de artigos que vêm das mais diversas áreas. Outro aspecto importante de salientar é a participação no FEPAE [Fórum de Editores de Periódicos da Área de Educação]. Ali vemos os problemas comuns, conhecemos os desafios de revistas que não têm a estrutura que a nossa tem e que, portanto, têm que fazer coisas que você fica pensando: “Como é que essa pessoa sozinha – uma colega, um colega docente de alguma universidade – dá conta de tudo na revista?”. Essa pessoa, às vezes, é a editora-chefe, a editora-assistente, a funcionária da revista, tudo!

Cássia Geciauskas Sofiato: Primeiramente eu quero agradecer o convite. Fiquei muito feliz em poder fazer parte dessas comemorações. A gente passa por esse trabalho – no meu caso, também foi um tempo até que longo: eu comecei na gestão da Rosângela e do Emerson, depois continuei com a Cláudia, como editora-chefe –, então é muito bom ter o reconhecimento por intermédio do convite para esta entrevista.

Gostaria de pontuar uma coisa que penso ser superimportante no trabalho desenvolvido pela Comissão editorial: o valor do coletivo, estando na posição de editor-chefe ou não. Foi algo que valorizei muito e que é muito importante nesse percurso. É uma grande responsabilidade estar à frente de uma revista como a *Educação e Pesquisa*, bastante conceituada. Na época em que compartilhei a editoria-chefe com a Cláudia, enfrentamos vários desafios. Um deles foi a pandemia, nessa época tivemos que fazer algumas escolhas, até em relação ao estabelecimento de novas seções temáticas. Uma delas, inclusive, foi relacionada à própria pandemia, com o mundo vivendo uma condição anômala, as pessoas publicando, tentando publicar em pouco tempo, as suas experiências, as suas dificuldades no campo educacional... Enfim, foi um desafio lidar com tudo isso. Nesse ponto, lembro-me do trabalho da professora Lia Machado Fiuza Fialho, como coordenadora da seção temática *Educação em contexto de crise sanitária causada pela covid-19*; um trabalho que ela desenvolveu com toda a equipe, muito

importante... Foi um período da história que deixou muitas marcas e, nesse aspecto, a revista trouxe uma contribuição em relação ao que estava acontecendo nas escolas, nos diversos espaços educativos, para ampliar a troca de informações e a produção de conhecimento a respeito do que vivenciávamos. Há que se mencionar também o fato de as publicações se tornarem contínuas, porque antes não eram, além da ampliação da internacionalização. A atuação na revista também contribuiu para eu me atualizar em relação ao campo educacional, pois ficamos conhecendo ainda mais o que as pessoas estavam tentando publicar, os assuntos em evidência. E uma última questão: a do aumento do trabalho. A nossa equipe, à época, não era tão grande. Então, discutíamos bastante a necessidade de ampliá-la. Embora contássemos com muitos colegas da casa na comissão editorial, começamos a não dar conta das demandas. Foi então que ocorreu a abertura para a participação de colegas de outras universidades, com a vinda de pessoas que poderiam contribuir muito com a equipe, no sentido de pensar em determinados temas, convidar pessoas para atuarem em casos de avaliação de temas específicos, porque há uma diversidade grande de temas nos artigos submetidos à revista. Essa abertura da comissão editorial, portanto, marcou-me muito também.

Roni: Há um roteiro, enviado a vocês, que orienta o rumo da nossa conversa, mas quero aproveitar para explorar um aspecto que apareceu nos depoimentos de vocês...

Cláudia: Roni, antes eu queria fazer um comentário sobre algo que o Êmerson e a Cássia falaram. Mas, se você quiser, também posso esperar a próxima pergunta, enfim.

Roni: Por favor, Cláudia.

Cláudia: Durante todo o período em que estive à frente da editoria-chefe, uma questão delicada responde pela relação com a *SciELO*. E aí me refiro mais à questão da ciência aberta e às pressões que sofremos, pressões que são um clássico nesse tipo de relação, pois começam com um convite para participar de determinadas práticas, a possibilidade de respondermos “não, obrigada, não interessa”, mas vai virando uma obrigação ao longo do tempo e uma condição para se manter vinculado à *SciELO*. Então, não estou aqui julgando a questão da ciência aberta, mas afirmando que, por exemplo, nossa escolha por trabalhar com avaliação duplo-cego foi sempre algo que precisamos batalhar para manter; e mesmo a relação com aquelas publicações *preprints*, que a princípio podíamos não exigir e depois não podíamos mais. Esse foi outro ponto importante, porque são princípios que a revista mantinha e mantém e que vão aos poucos tendo que abrir espaço para outras exigências. Agora, imagino o que seria expor o parecerista e a avaliação do parecerista, e o que significaria uma pessoa que está ingressando num campo emitir um parecer sobre alguém que já é uma *estrela*. Que marcas isso poderia trazer? Discutíamos muito essas questões e, no entanto, elas vão se transmutando em exigências até um ponto em que não tem mais o que discutir, e acabávamos tendo que ceder.

Conforme o Êmerson e a Cássia foram se pronunciando, lembrei-me da pandemia, quando, juntamente com o Êmerson, escrevemos o Editorial do volume 47 (Galian; Pietri,

2021) em que assinalávamos os desafios de trabalhar naquela circunstância sob o governo Bolsonaro, com todas as ameaças que vivíamos, inclusive as questões de financiamento. Nós vivemos uma situação de extrema tensão, de muita violência. A revista se posicionou e temos orgulho desse posicionamento. Tenho observado que esse Editorial tem sido lido, eu recebo pelo *ResearchGate* as menções de leituras.

Roni: Quanto à *SciELO*, Émerson, você mencionou um aspecto que, para mim, salta aos olhos, pois atinge o nível dos gêneros textuais que a *SciELO* acreditava que deveriam ser publicados, ou ainda as temáticas que deveriam ser privilegiadas. Peço, assim, para desenvolver, se achar que é pertinente: como foi enfrentar imposições que feriam cláusulas pétreas da revista? Pergunto, pois, na minha perspectiva de editor-assistente, desde que comecei a atuar no periódico, em 2023, não tenho percebido intrusões da *SciELO* nesse nível de sugestionamento.

Émerson: Penso que isso não apareceu quando exerci a chefia da editoria com a Rosângela. Mas, num determinado momento, já com a Cláudia, não sei o motivo, a *SciELO* passou a restringir qual seria o gênero efetivamente publicável de materiais. A revista tem a tradição das entrevistas, mas tínhamos também uma seção de traduções. Por exemplo, eu me lembro que à época, quando eu era editor-assistente, ou talvez já editor-chefe, foi feita a tradução de um texto do Vygotsky (2018): “*Acerca dos processos compensatórios no desenvolvimento da criança mentalmente atrasada*”. Ou seja, é uma super contribuição. Eu me lembro que houve uma negociação para que o texto pudesse ser publicado. Pergunto: por que ele não poderia? Se me lembro bem, era porque, para a *SciELO*, ele não representava a produção de conhecimento atual. Bom, mas aí tínhamos essas discussões: o que é produção de conhecimento atual? O que é relevante para o campo, efetivamente? Se a discussão era sobre impacto, que impacto não teria a tradução de um texto de Vygotsky para o campo? Então, tínhamos que lidar com situações como essa. Também não sei a que pressões a *SciELO* tem que responder. Porque, de muitas maneiras, eu acho que ela também está em concorrência com essas grandes plataformas estrangeiras comerciais. Penso que, além dessa concorrência, eventualmente também tem que se alinhar a preceitos da Capes, por exemplo, porque a *SciELO* também é cooptada – agora não tanto, me parece, mas de muitas maneiras foi cooptada – pelo sistema de avaliação da Capes. Como aconteceu também com as revistas que estão em sua base. Mas parece que agora as coisas estão mudando, os critérios estão mudando. Então me ocorre também indagar: quais são as pressões pelas quais a *SciELO* passa para poder definir seus critérios? Talvez sejam pressões sobre pressões. Por outro lado, penso outrossim que precisamos considerar um papel da *SciELO* muito relevante: o de fazer o processo se movimentar. Muitas vezes não concordamos com o rumo impresso pela *SciELO*, enfim, pelos critérios. Mas, ao mesmo tempo, percebemos como a *SciELO* de fato fez a revista ir se reestruturando e se tornando cada vez mais consistente na sua organização. Então, estabelece-se uma tensão, como se observou no caso da tradução do texto do Vygotsky (2018), em que nossa política editorial defendeu a publicação, por julgá-lo relevante. Desse modo, há conflitos, mas, ao mesmo tempo, uma força que

talvez ajude a que os periódicos se aprimorem, como no que respeita à formação de um sistema entre as revistas, uma rede, que o *Qualis* sozinho não consegue fazer, porque o *Qualis* fornece um conjunto de critérios, mas eles não constituem um organismo coeso; são apenas um conjunto, uma lista de critérios. E a *SciELO*, de alguma maneira, demanda das revistas a organicidade necessária.

Cláudia: Penso que o Émerson tem razão. De fato, a *SciELO*, por um lado, provoca na gente um desgaste muito grande de ter que, às vezes, se sentir obrigado a renunciar a princípios muito consolidados. Por outro lado, provoca como que um empurrão para rever as próprias práticas o tempo todo. E isso acaba trazendo também um movimento importante que tem que acontecer. Agora, é importante destacar que, diante dessas pressões, especialmente quando tínhamos que enfrentar coisas que não gostaríamos, foi marcante o trabalho na Comissão Editorial. Chegar a uma posição via debate – porque entre nós, na Comissão, não havia total concordância. Algumas pessoas ficavam mais incomodadas com o que a *SciELO* provocava; outras, de modo diverso, inclinavam-se mais a aceitar o que era demandado. Então, fosse num encontro da *SciELO*, em que a revista se posicionava – externalizando: “Olha, a gente vê tais riscos...” –, fosse num editorial em que nos manifestávamos – “Olha, o movimento vai nesse sentido, mas insistimos que existem riscos...” – e apresentávamos os riscos, penso que a discussão democrática no interior da Comissão foi um dos pontos altos do trabalho na revista.

Émerson: Em relação ao que a Cláudia mencionou, os acordos construídos no interior da revista e que orientavam as práticas dos editores e editoras resultavam em posicionamentos externos. Lembro-me de uma oportunidade em que fomos, Cláudia e eu, a um evento na Fapesp e a Cláudia levou o posicionamento da revista, de maneira bastante firme, sobre nossa participação na ciência aberta. Aquilo que discutíamos sobre ciência aberta, mas com avaliação aberta, não cega por pares... Que efeitos isso teria em um determinado campo que talvez não tenha no outro? E no campo da educação e das Humanas, o que isso pode representar? Eu acho que aquela problematização que levamos produziu efeitos, porque era um processo que vinha muito forte para que, até determinado momento – dois, três, quatro, cinco anos, não me lembro –, as revistas fossem obrigadas a implementar a ciência aberta plenamente, e me parece que as posições específicas dos periódicos e as características de cada área foram mais respeitadas a partir daquele evento.

Cláudia: Desse encontro na Fapesp, quero acrescentar mais um aspecto: não foi só a questão da avaliação aberta; tinha a questão dos *preprints*. E nos posicionamos questionando, especialmente diante do momento político que vivíamos, o que significaria, por exemplo, termos que publicar antes, no *preprint*, um artigo com referências, por exemplo, em bases marxistas, quando a perseguição política era um fato. Então, foram algumas coisas que, no final, no momento de confraternização, ali, do café, muitos outros editores de outras revistas vieram conversar conosco e dizer: “Olha, vocês trouxeram pontos superimportantes, era necessário alguém tocar nesse assunto”. Esse, portanto, foi um papel importante que a revista desempenhou, e sendo a revista o que ela é, estando

no estrato de qualidade que ocupa, foi fundamental. E só pudemos fazer isso porque tínhamos o respaldo da Comissão Editorial. Não estávamos ali falando como editores-chefes que agem sem conversar com a sua Comissão Editorial.

Cássia: É interessante observar a fala da Cláudia e do Êmerson, porque, no período em que permaneci na revista, pude observar tudo isso também: a relação com a *SciELO* envolvendo a questão da ciência aberta, os *preprints* etc. Mas o que eu gostaria também de salientar, tendo em vista isso que o Roni assinalou, sobre esse jogo de forças, essas tensões, é que quando surgia uma nova demanda, um novo critério da *SciELO*, além das consultas que fazíamos à plataforma para ver se tínhamos uma maneira de adequar aquilo que a comissão acreditava ser um melhor encaminhamento, apesar dos critérios que estabelecíamos, recordo que a Anna [Cecília de Paula Cruz] e o Aguinaldo [José Aguinaldo da Silva]³ sempre nos consultavam sobre as demandas que recebíamos da *SciELO*, ajudando-nos tecnicamente a analisar como as atenderíamos sem abandonar nossos valores, nossos princípios, considerando que se referiam a critérios externos que precisariam ser seguidos para que pudéssemos continuar na plataforma. Num determinado momento, fomos instados a produzir mais *press releases*, além de vídeos, para poder divulgar o que estava sendo publicado. Isso demandou bastante esforço, no sentido de escolher a quais publicações daríamos destaque. Mas foi uma experiência interessante. Acho que vários editores participaram e pudemos debater temas, seções temáticas, entre outras coisas. Trata-se de um jogo de tensões, mas elas constituem possibilidades em que podemos discutir as políticas editoriais não só da *SciELO*, como de outros fóruns, situações fundamentais para que pudéssemos nos posicionar e levar também as nossas ideias.

Roni: Vocês se debruçaram a respeito de temáticas que abarcam um nível macro, mas também aspectos mais específicos da gestão da revista. Eu quero insistir nesses tópicos mais ligados à macroanálise, chamando a atenção para os impactos da ciência aberta para o conjunto dos periódicos educacionais. Ao abordar a situação relativa ao conhecimento, por parte dos autores, de quem está dando o parecer; e ao nos remetermos também aos *preprints*, há um aspecto que vem com a ciência aberta que está vinculado à necessidade de identificação muito clara – algo cobrado das autorias – com relação aos arquivos que são mobilizados nos manuscritos. Então, gostaria que comentassem um pouco a respeito também dessa nova exigência que vem com a implementação da ciência aberta.

Cláudia: Penso que esse é um ponto importante. Há pouco tempo escrevemos – eu, Êmerson e Raquel⁴ [Milani] – um artigo (Galian; Pietri; Milani, 2025) que deve ser publicado logo e percebemos essa exigência, que, enquanto eu estava como editora-chefe, ainda não se colocava. Na época era possível indicar apenas numa nota que os dados estavam em posse do pesquisador ou dos pesquisadores e fornecer o contato a quem

3- Anna Cecília de Paula Cruz e José Aguinaldo da Silva, do Serviço de Publicações e Divulgação da Biblioteca da Faculdade de Educação, compõem a equipe técnica da revista *Educação e Pesquisa*.

4- Raquel Milani é professora do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada (EDM) da FEUSP.

quisesse mais informações. Hoje é outra coisa. Hoje temos que estar com esses dados num repositório e disponibilizá-los. Acho isso um ganho, uma coisa importante: podermos falar de um trabalho, assinalar por onde caminhou a análise e disponibilizar os dados para que alguém possa fazer a partir dali outras análises ou colocar nossa análise em xeque. Eu acho que é por aí que a ciência caminha. Parece-me um ganho inquestionável. Acho que isso é um bom exemplo de algo que foi chegando aos poucos, primeiro como convite, depois como exigência, mas que me parece um ganho do ponto de vista da produção científica e da disseminação do conhecimento.

Êmerson: Concorro plenamente com a Cláudia, penso que é um movimento importante esse da ciência aberta. Ainda que por vezes não concordássemos com algumas práticas da *SciELO*, outras eram necessárias, como a garantia de que a ciência seja efetivamente pública e o acesso aberto seja garantido também da maneira mais ampla possível. Nesse caso, a disponibilização de dados de pesquisa é um elemento que reforça esse caráter. Então, se sua pesquisa foi realizada com financiamento público, e se você tem o seu material de análise, bom, esse material é público. Claro, há critérios, como a não publicização dos dados enquanto ainda estão sendo utilizados, mas, findado esse prazo, depois os dados precisam se tornar públicos. Assim, concordo com a Cláudia. Penso que essa [a ciência aberta] foi uma decisão muito acertada e contribuiu para a defesa da ciência de caráter público. Na época em que estávamos na chefia da editoria não havia ainda essa prática, mas ela veio como algo institucionalizado e fez orientar a produção da ciência para uma direção correta, assegurando seu caráter público.

Cássia: Quero reforçar que a confiança na ciência aberta tem sido conquistada com o passar do tempo e a partir de práticas que foram se efetivando. Com a ciência aberta, a pesquisa vem se tornando mais acessível e até colaborativa. Talvez se verifique alguma dificuldade de os pesquisadores organizarem os próprios repositórios, especialmente quando se trata de artigos em coautoria. Mas penso que, com o passar do tempo, tais dificuldades vão diminuir.

Roni: Vocês observaram que fiz perguntas que fugiram um pouco das temáticas que diziam respeito fundamentalmente ao período de gestão de vocês, já que os instei a traçar comparações em relação ao que é praticado atualmente na revista *Educação e Pesquisa*. Prosseguindo nessa linha de raciocínio, introduzo dois temas, um que foi uma preocupação constante durante o período em que estiveram à frente da revista e outro que tem frequentado os debates atuais entre os editores de periódicos acadêmicos: respectivamente, a checagem de similaridade textual e a inteligência artificial. Se puderem, gostaria que tecessem algumas considerações em relação a esses pontos.

Cláudia: Vou me arriscar a falar do primeiro ponto, com o qual tive contato maior. Sempre me chamou a atenção o fato de que não tínhamos – não sei se vocês têm essa mesma impressão, Êmerson e Cássia – tantas questões em relação à similaridade de textos,

porque possuíamos na revista uma estrutura muito favorável, como o Émerson comentou, e essa checagem não é feita por nós, editores-chefes.

Cássia: Sobre a IA noto que estão sendo estabelecidos critérios para seu uso. Hoje, por exemplo, eu participava de uma banca de defesa e um professor fez o seguinte comentário em relação ao texto: “Eu percebi neste trecho que você usou várias vezes a inteligência artificial”. Nesse caso, foi facilmente percebido. Agora... e quando não é? Então, penso que o estabelecimento de critérios é um desafio para a comissão editorial das revistas.

Émerson: Eu vou na mesma direção da Cláudia. A revista tem uma estrutura que já faz uma filtragem prévia do conteúdo, ajudando na detecção da similaridade. Recordo-me de uma discussão bastante interessante, que voltava de tempos em tempos. Diz respeito aos artigos resultantes de teses de doutorado. Nessas situações, o Aguinaldo usava o programa de intersecção de similaridade e, conforme fosse o caso, detectava a incidência dos mesmos termos presentes na tese. Também me lembro que discutimos bastante se o texto, uma vez publicado no formato de tese, havia perdido o ineditismo. Parte das argumentações, inclusive, não acreditava que o ineditismo se perdia com a publicação da monografia, pois, no processo de se extrair da tese um artigo, reside uma carga tão grande de trabalho sobre o texto para transformá-lo de um gênero a outro que o artigo teria conservado seu ineditismo independentemente de aqueles dados terem sido publicados anteriormente. Porque, com a escrita, há uma revisão, muitas vezes, da própria análise, dos próprios resultados. O importante é que se preserve a publicação em caráter aberto. A tese está num banco de dados, seja no banco de teses da Capes, da USP, seja lá onde for, com acesso público. E, a partir de uma nova operação escriturária, o material migra para um outro modo de circulação, que é o artigo. Debruçar sobre esse assunto trouxe para nós discussões profícuas do ponto de vista epistemológico, inclusive. Refletíamos sobre o que era o dado e a análise num contexto, num veículo, e no que se transformavam quando migrados para outro lugar de circulação. Agora, sobre a IA, penso que, de fato, no mesmo diapasão do que foi dito, é o nosso desafio atual. Também me recordei – quando você trouxe esse assunto, Roni – que há algumas universidades que já assinalam que não se deve inserir os dados de pesquisa em nenhum dispositivo de IA, pois, uma vez lá insertos, já estão sob a responsabilidade da empresa que o detém. Então, imagino que isso vai nos trazer muito o que pensar. Especialmente o fato de, no caso das Ciências Humanas – não exclusivamente, mas principalmente –, os dados e a análise possuírem caráter discursivo, ou, antes, serem discursivizados, diferentemente de outras ciências. Num caso como o que aludi, usar inteligência artificial significa transferir a análise dos dados para a responsabilidade de uma empresa. É necessário estarmos atentos a isso, pois, quando inserimos o texto num dispositivo de IA, estamos cedendo o conteúdo e a análise ali contidas aos interesses de lucro de uma empresa. Esse aspecto traz desdobramentos, porque tem a ver com a ciência aberta que discutimos anteriormente. Em outras palavras, dependendo de como se utiliza um dispositivo de IA, ocorre uma cessão do que é de interesse público ao interesse privado. Então, só esse aspecto já impõe um limite muito importante. Enfim, temos que discutir todos os impactos, mas julgo que um princípio

fundamental é pensar qual é a relação do uso da IA com o interesse privado. E esses dispositivos todos, antes de tudo, estão vinculados a interesses privados.

Roni: Quero tocar num tema que se relaciona com o estatuto da revista no rol dos periódicos acadêmicos do campo educacional. Conversando com outros editores e editoras-chefes da revista, é possível observar que, desde sua criação, ela sempre ocupou lugar de destaque no periodismo especializado em educação, tanto sob a denominação de *Revista da Faculdade de Educação* quanto atualmente como *Educação e Pesquisa*. Quando traduzimos isso nos termos da avaliação de periódicos feita pela Capes, desde seu início até o presente – ou até bem pouco tempo atrás, já que a classificação realizada por essa agência está em fase de mudança –, sempre fomos classificados como revista A1. A partir dessa constatação, a que creditam a manutenção não só da qualidade intrínseca da revista, mas também da avaliação recebida?

Emerson: Durante o tempo na editoria, eu ouvia conversas sobre outros periódicos, afirmando: “Ah! Então é importante ter publicação de figurões! Desses nomões, porque chama citação!”. E a revista nunca se preocupou com isso. Ao contrário, o que se avaliou sempre foi se o artigo possuía condições de publicação ou não, independentemente de ter vindo de um pesquisador iniciante ou de um pesquisador experiente. E apesar disso – ou até por conta disso – a revista publica uma quantidade enorme de artigos, de caráter bastante heterogêneo. Quando fomos consultar o índice de citações da revista, por conta da avaliação da Capes, a revista era a primeira ou a segunda em citações no Brasil. À exceção das plataformas estrangeiras, no Brasil, estávamos nas primeiras colocações. Ou seja, mesmo sem ter como meta prioritária atingir esses índices, o próprio fato de a revista trabalhar com seriedade e buscar artigos que sejam de interesse para o campo já garantia isso. É claro, não dá para desconsiderar que, por ser uma revista A1 de relevância na área, pesquisadores experientes a procuram para publicar. Isso leva o impacto lá para cima. Mas nunca foi uma preocupação precípua. Ao contrário, nunca fizemos convite para alguém publicar na *Educação e Pesquisa* porque retornaria muitas citações.

Cláudia: Foi uma escolha histórica da revista, muito valorizada por nós, possuir amplo escopo. A revista acolhe estudos em educação numa perspectiva ampla. Se isso, por um lado, traz o risco de pulverizar as citações, tem sido sempre uma escolha da revista se manter nessa perspectiva. E outra coisa que eu tenho orgulho de dizer é que, em decisão coletiva na comissão, mesmo tendo posições divergentes, concluímos que todos os artigos devem passar pelo crivo da avaliação, ou seja, não cabe abrir exceção para ninguém. Trata-se de coerência, postura ética. Tenho orgulho de nossas decisões, em situações em que tanto pessoas externas à Faculdade quanto colegas da própria Faculdade tentaram emplacar artigos por meios não muito limpos, digamos assim, nos posicionamos e reafirmamos: “Não! A revista é da Faculdade de Educação, mas isso não significa nenhum tipo de benefício para ninguém, nem para pesquisadores da Universidade de São Paulo, nem da própria unidade”. Como afirmei, é um orgulho passar por vários desenhos de uma

comissão que mantém fidelidade a princípios que, a meu ver, são responsáveis por terem levado a revista até a posição que ela ocupa atualmente.

Roni: Deve ter sido algo que foi enfrentado por outras revistas do campo educacional, porque boa parte delas, como a nossa, foi criada com um escopo bem delimitado, de escoamento da produção do pessoal da casa. Todavia, em relação à *Educação e Pesquisa*, há um momento de mudança, que se deu ao longo da década de 1990, em que regras mais impessoais passam a gerir o escoamento dos artigos, tendo o periódico deixado de ser um lugar específico, uma espécie de salvaguarda para a publicação do próprio pessoal da casa. Resulta instigante, nesse sentido, imaginar o impacto da alteração do que era prioritário em termos de acolhida, avaliação e publicação dos artigos na antiga Revista da Faculdade de Educação.

Cláudia: Essa relação da Faculdade com a revista vai sendo construída e passando por etapas distintas. Mas ela é uma questão sempre, assim, de... A revista é independente da Faculdade, ela tem que ter essa independência. Suas decisões passam pela Congregação, mas sempre foram muito respeitadas, pelo menos no período em que estivemos na editoria. E isso é fundamental. Não se pode misturar questões da configuração de poder da Faculdade com questões relacionadas à revista.

Cássia: Penso que sempre nos preocupamos muito, além da questão da estrutura, com a sucessão dos colegas que entram na revista e que acabam fazendo parte dessa tradição. Completamos, em 2025, 50 anos. É uma revista bastante longa e importante. Assim como a Cláudia, reafirmo a importância dos nossos princípios, como a transparência, o rigor e a conduta democrática, aspectos que, para mim, sempre estiveram presentes nas ações da comissão. São vários fatores que, somados, conferem a posição que a revista ocupa e que esperamos que continue ocupando nas futuras gerações.

Roni: Para encerrarmos, fiquem à vontade para acrescentar algum aspecto não contemplado pelo roteiro.

Cláudia: Roni, peço que transmita à comissão o meu agradecimento pelo convite para poder falar a respeito da minha experiência com a revista. Já transcorreu algum tempo desde que deixei a chefia da editoria. Fazemos muitas coisas na Faculdade, cada hora estamos em colegiados e comissões diferentes, e, quando recebi seu convite, tive a impressão de que não me lembraria de nada. Pensei, cá comigo: “Nossa, já faz um tempo, não vou lembrar nada!”. Àquela altura foi um alívio saber que estaria junto com o Émerson e a Cássia, pois nos ajudaríamos. No final, foi muito prazeroso poder lembrar da minha história com a revista. Fico orgulhosa de ter participado, tanto como editora-assistente, quanto depois como editora-chefe. Mencionei esse orgulho por ocasião do meu concurso de livre-docência, em que a banca valorizou muito isso na minha trajetória. O fato mostra que esse foi um lugar importante que ocupei na Faculdade, é valorizado como experiência e me deu muito mais confiança nas outras situações de responsabilidade

em comissões que enfrentei a partir de então. Foi um período prazeroso, em que tive muito trabalho, sem dúvida, pois a gente fica meio maluca de tanto trabalho, mas foi um período rico da minha experiência profissional. Para os leitores, fica sempre o convite para conhecer o que é publicado, porque é o resultado de um trabalho criterioso, muito cuidadoso, muito respeitoso com os autores, respeitoso com a própria posição da revista. Temos todos sempre a ganhar com a leitura da revista *Educação e Pesquisa*.

Cássia: Eu também agradeço a oportunidade, foi muito bom esse reencontro, reavivar as memórias com meus colegas de revista. Eu também, quando fui convidada, pensei: “Nossa! O que que eu vou falar?”. Porque, com o transcorrer do tempo, eventualmente esquecemos tudo o que realizamos, quais foram os desafios à época. Foi uma grande responsabilidade integrar a gestão da revista, pela posição que ela ocupa no país. Ao mesmo tempo, possibilitou-me conhecer muito mais aspectos relativos à produção editorial, todo o processo, o percurso, desde a submissão do artigo até a sua publicação. Então, foi uma experiência muito valiosa e agradeço por ter me dado a oportunidade de recuperar essas memórias, as quais foram muito boas.

Emerson: Também queria agradecer o convite e pedir, como a Cláudia pediu, que transmita esses agradecimentos à Comissão Editorial. Fiquei muito contente de poder falar sobre a revista. E, de fato, ao enunciarmos nossas memórias, vamos nos lembrando de tantas coisas! Uma delas, que recordei nesta parte final, é de que quando comecei a trabalhar na comissão, ela era integrada apenas por editores da Faculdade de Educação – eram seis ou oito docentes da Faculdade –, e hoje é uma comissão com integrantes de vários lugares do mundo. Isso demonstra uma abertura gradual, fruto da busca de diálogo com o campo educacional. Fico muito feliz de ter participado da trajetória da revista, de reencontrar a Cláudia e a Cássia para lembrar desse percurso, o qual teve um impacto grande sobre a nossa formação. De certa forma passamos a compreender a ciência e a publicação de uma outra maneira. E para quem é leitor da revista e puder conhecer esta nossa conversa, deparar-se com nossas lembranças, fica o meu convite. Porque vai saber que este artigo carrega uma história, que é a história que nós, com nossas memórias, contamos aqui. E você e a comissão estão recolhendo outras memórias, de outras pessoas que participaram da editoria, provavelmente histórias muito bonitas. Então, poder participar desses 50 anos da revista me traz muita alegria e quero reiterar os agradecimentos pela oportunidade.

Cássia: Posso só falar mais uma coisinha que esqueci, e que eu acho que é importante destacar? Foi fundamental a autonomia que tivemos ao poder trabalhar com respaldo tanto dos colegas da comissão quanto da própria Faculdade.

Emerson: Ao ouvir a Cássia falar, quero reforçar o lugar que a revista ocupa na organização da Faculdade. De estar junto à Biblioteca, de ter a Anna Cecília e o Aguinaldo como funcionários dedicados à revista. Isso trouxe segurança e tranquilidade para desempenharmos nossas funções. E vale a pena afirmar que essa autonomia foi

conquistada, porque antes, há um bom tempo, houve tentativas de ingerência sobre a revista. E à época, é importante frisar, quem estava na gestão da Faculdade apoiou nossa autonomia.

Roni: Agradeço imensamente a disponibilidade de vocês.

Referências

GALIAN, Cláudia Valentina Assumpção; PIETRI, Émerson de. A ciência e os periódicos científicos: mais um ano de lutas num cenário de pandemia, negacionismos e desincentivos. **Educação e Pesquisa**, v. 47, e20214701001, 2021. <https://doi.org/10.1590/s1517-970220214701001>

GALIAN, Cláudia Valentina Assumpção; PIETRI, Émerson de; MILANI, Raquel. Professores e estudantes no Currículo da Cidade: modelos projetados para uma rede municipal de ensino. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 51, e284843, 2025. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202551284843por>

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. Acerca dos processos compensatórios no desenvolvimento da criança mentalmente atrasada. **Educação e Pesquisa**, v. 44, e44003001, 2018. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844003001>